

A SABEDORIA DA INCERTEZA COMO ESPÍRITO DO ROMANCE EM MILAN KUNDERA

HERISSON CARDOSO FERNANDES*

Universidade de Brasília (UnB), Programa de Pós-Graduação em Metafísica (PPGμ), Brasília, DF, Brasil.


Recebido em: 8 maio 2018. Aprovado em: 12 jun. 2018.

Como citar este artigo: FERNANDES, H. C. A sabedoria da incerteza como espírito do romance em Milan Kundera. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 18, n. 3, p. 144-159, 2018. doi:10.5935/cadernosletras.v18n3p144-159

Resumo

Para o romancista tcheco Milan Kundera há coisas que apenas o romance pode dizer. Isso significa que o romance pode alcançar reflexões acerca da condição humana inacessíveis a outros campos do conhecimento, como às ciências. Nesse sentido, o escritor estabelece como um dos fundamentos da arte romanesca a noção de uma sabedoria da incerteza, da qual trataremos brevemente neste artigo, à luz de reflexões propiciadas pela Epistemologia do romance.¹

* E-mail: herissoncardoso@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-4989-4212>

¹ Grupo coordenado pelo professor Dr. Wilton Barroso Filho, vinculado ao CNPq. Mais informações, bem como sua produção, podem ser conferidas em <http://epistemologiadoromance.blogspot.com.br/>.

Palavras-chave

Milan Kundera. Arte do romance. Epistemologia do romance.

O ROMANCE COMO RECONHECIMENTO DAS AMBIGUIDADES DA EXISTÊNCIA

Em 1985 o romancista tcheco Milan Kundera (1929) recebe o Prêmio Jerusalém pela Liberdade do Indivíduo na Sociedade. Em seu discurso de agradecimento caracteriza um dos fundamentos da arte de escrever romances nestes termos: “A exemplo de Penélope, ela desfaz durante a noite a tapeçaria que os teólogos, os filósofos, os sábios urdiram na véspera” (KUNDERA, 2009, p. 148).

A linguagem romanesca é a linguagem da relatividade. Para Kundera, quanto mais atentamente se lê um romance, mais difícil se torna chegar a uma “verdade”. O romance é o espaço da “‘verdade’ oculta, não pronunciada, não pronunciável” (KUNDERA, 2009, p. 125). É a arte da ironia, cuja premissa é justamente nos privar de certezas, desvelar o mundo enquanto ambiguidade. Argumento que encontra concordância nas palavras de Simone de Beauvoir (1908-1986). Diz a filósofa a respeito do romance:

Não se trata aqui, para o escritor de explorar no plano literário verdades previamente estabelecidas no plano filosófico, mas sim de manifestar um aspecto de experiência metafísica que não pode manifestar-se de outro modo: o seu carácter subjectivo, singular, dramático e também, a sua ambiguidade; pois que a realidade não é definida como apreensível apenas pela inteligência, nenhuma descrição intelectual poderia expressá-la adequadamente. É necessário tentar apresentá-la na sua integridade, tal como se revela na relação viva que é a acção e sentimento antes de se tornar pensamento (BEAUVOIR, 1965, p. 91).

Podemos observar uma certa relação entre essa concepção e a premissa que Kundera deixa clara desde as primeiras páginas d’*A arte do romance*. Para o escritor tcheco a relatividade inerente ao romance é desconfortável ao homem, pois ele deseja um mundo que possa se enquadrar sob seus julgamentos, e não que se apresente a ele como experiência a ser ainda conhecida:

O homem deseja um mundo onde o bem e o mal sejam nitidamente discerníveis, pois existe nele a vontade inata e indomável de julgar antes de compreender. Sobre essa vontade estão fundadas as religiões e as ideologias (KUNDERA, 2009, p. 14).

O romance é assim concebido como um campo de criação de grandes incógnitas, do questionamento acerca de certezas pré-concebidas. É uma forma de refletir a respeito da incapacidade de nos esquivarmos da constante impermanência inerente à condição mesma do ser humano.

Em *A arte do romance* (2009) Kundera parte das reflexões do filósofo Edmund Husserl, sobre o que ele chamava de uma crise da racionalidade europeia na modernidade, para tecer seus próprios comentários a respeito dessa época. Em Husserl encontramos uma visão de que houvera um desvio de caminho da razão nos tempos modernos. O filósofo denuncia um racionalismo que teria se tornado endurecido, cristalizado em um “funesto naturalismo” (HUSSERL, 2008, p. 64). Tal racionalismo, paradoxalmente, culminaria nas maiores irracionalidades já presenciadas pela espécie humana, tais quais os combates a nível global. Como comenta Urbano Zilles a respeito das conclusões do filósofo:

O projeto do homem europeu, constituído na antiga Grécia, traçou um projeto político racional para configurar a vida humana a partir da razão. A guerra de 1914 mostrou o fracasso como possibilidade inerente à cultura moderna (ZILLES, 2008, p. 43).

Kundera percebe a preponderância de tais contradições que se manifestam na contemporaneidade, e entende que o reflexo dessas condições históricas sobre a arte de nossos tempos seja incontornável (KUNDERA, 2009, p. 148). Alegadamente, romancistas, que para ele são marcos da literatura ocidental, trabalham uma compreensão acerca dos grandes paradoxos que tem dado forma ao mundo:

Kafka e Hasek nos põem em confronto com este imenso paradoxo: durante a época dos tempos modernos, a razão cartesiana corroía, um após outro, todos os valores herdados da Idade Média. Mas, no momento da vitória total da razão, é o irracional puro (a força querendo seu querer) que se apossará do cenário do mundo, porque não haverá mais nenhum sistema de valores comumente admitido que possa lhe fazer obstáculo (KUNDERA, 2009, p. 17).

Apesar de ter como ponto de partida para suas reflexões a possibilidade de colapso da civilização, preconizada por Husserl, Kundera pretende também deixar claro que, para além de uma censura à modernidade, suas considerações seguem o caminho de apontar para a ponderação acerca da necessidade de reconhecer esse momento histórico como um período marcado pelas imprecisões e ambiguidades. Para o romancista, essa é uma época que “é, ao mesmo tempo, degradação e progresso e, como tudo que é humano, contém o germe de seu fim em seu nascimento” (KUNDERA, 2009, p. 12).

Tais ambiguidades e contradições são percebidas e categorizadas sob o nome de *Paradoxos Terminais*, processos sintomáticos de nosso tempo. Segundo Maria Veralice Barroso (BARROSO, 2011, p. 2), os paradoxos terminais seriam desenvolvidos, no autor, por meio da noção de que há uma espécie de período intermediário, uma fissura, entre a passagem de uma concepção de mundo a outra posterior. Diga-se: a transição entre modernidade e pós-modernidade. Assim, as investigações de Kundera seriam calcadas na reflexão de como o sujeito se posiciona neste período conflituoso da história.

Barroso, citando outra pesquisadora da obra kunderiana, Maria Nemcová Banerjee (1993) ressalta que dentre os “paradoxos terminais” delineados por Kundera, é possível localizar a percepção acerca da ruptura da crença para com a racionalidade. Assim, os paradoxos que Kundera observa:

Englobam a falência total das posições estabelecidas por Descartes. Eles trariam para o centro do debate o homem que, por meio da razão, impunha seus domínios à natureza, este mesmo homem que no século XX celebrou o poder da máquina e agora, paradoxalmente, se encontra dominado por ela (BARROSO, 2011, p. 2).

Podemos pensar novamente em um diálogo entre a postura de Edmund Husserl e o romancista. Para ambos, as noções unilaterais das ciências europeias da modernidade, sua postura perante o mundo, não seriam mais suficientes para lidar com nossa realidade, pois elas teriam “reduzido o mundo a um simples objeto de exploração” (KUNDERA, 2009, p.11). E, ainda pior, aquele racionalismo que teria perdido o rumo, segundo Husserl, estaria seguindo em direção às mais inimagináveis barbáries, como preconizado pela Primeira Guerra Mundial.

Logo, aponta-se para ambos – o filósofo e o romancista – a necessidade de uma nova concepção de racionalidade. O romance manifesta-se, para Kundera,

como campo fecundo para pensar o efêmero, o transitório e a relatividade de posturas enquanto maneiras legítimas de compreender o mundo. Não é possível, para ele, falar no sentido de verdades únicas e imutáveis, como pretendido pela razão científica objetivista, ou pelos sistemas ideológicos totalizantes. Para o escritor tcheco, o romance pressente a necessidade de se reconhecer a existência da relatividade da existência, e posiciona-se em oposição às ideias de verdades universalizantes, desde Cervantes e Dom Quixote:

O mundo baseado numa só Verdade e o mundo ambíguo e relativo do romance são moldados, cada um, de uma matéria totalmente diversa. A verdade totalitária exclui a relatividade, a dúvida, a interrogação, e ela jamais pode portanto se conciliar com o que eu chamaria o *espírito do romance* (KUNDERA, 2009, p. 20).

Assim, o *espírito do romance*, também representado de forma emblemática na fórmula de Hermann Broch, de que há coisas que só o romance pode dizer, é configurado por Kundera justamente por ser um espaço possibilitador de exposição da relatividade das ditas verdades, e das probabilidades de existência.

Para Kundera, ao se ver órfão da figura de Deus no crepúsculo da Idade Média, o ser humano se posiciona perante um mundo cuja relatividade se torna árdua de suportar, um espaço onde o “Juiz supremo” se torna ausente. Em tal cenário manifesta-se o romance, cuja única moral é a descoberta. Esse tipo de romance já nasce como algo complicado de se lidar: “Devido a essa incapacidade, a sabedoria do romance (a sabedoria da incerteza) é difícil de aceitar e de compreender” (KUNDERA, 2009, p. 15).

Kundera vê em autores como Broch (1886-1951) e Robert Musil (1880-1942) uma reabilitação do aparecimento da reflexão intelectual do autor no espaço literário. Ao encarar a obra romanesca como propícia para tais incursões do pensamento, esses autores manifestariam uma categoria diferenciada de romance, o “romance que pensa” (KUNDERA, 2006, p. 66). O fundamental ao lidar com essa categoria de romance seria compreender que não devemos encarar os romances como “filosóficos”, no sentido de que tais reflexões não lidam com concepções fechadas ou sistematizadas de mundo, ou seja, não buscam ou formulam respostas para questões existenciais. O romance que pensa, reflete acerca daquela proposta de sabedoria do romanesca, a da incerteza. É por isso que, para Kundera, obras como *Os sonâmbulos*, de Broch, seriam mesmo contrárias à filosofia:

A reflexão romanesca, tal como Broch e Musil a introduziram na estética do romance moderno, não tem nada a ver com a de um cientista ou a de um filósofo; eu diria mesmo que ela é intencionalmente afilosófica, até antifilosófica, isto é, violentamente independente de todo sistema de ideias preconcebidas; ela não julga, não proclama verdades, ela se pergunta, se espanta, ela sonda; sua forma é das mais diversas: metafórica, irônica, hipotética, hiperbólica, aforística, engraçada, provocadora, fantasista; e sobretudo: ela não deixa nunca o círculo mágico da vida dos personagens; é a vida dos personagens que a alimenta e justifica (KUNDERA, 2006, p. 69).

Milan Kundera reserva sempre espaço para falar a respeito dessa distinção interposta por ele entre o saber filosófico e o saber romanesco. Para ele o romance não nasce do espírito teórico, mas da ironia de perceber as contradições da realidade (KUNDERA, 2009, p. 148). Luiz Costa Lima, ao discorrer a respeito do momento inaugural do romance, cita o filósofo alemão Hans Blumenberg, que ressalta o caráter fundamental da ironia na arte romanesca:

A ironia parece tornar-se o modo autêntico de reflexão da reivindicação estética do romance moderno. Na verdade, isso vai ao ponto de o próprio romance tornar-se irônico, em sua relação com a realidade, que não é nem abandonada, nem pode ser resgatada (BLUMENBERG, 1969, p. 25 apud. LIMA, 2009, p. 183).

A respeito da sabedoria romanesca, calcada na ironia, Milan Kundera afirma que: “A erudição de Rabelais,² por maior que seja, tem, portanto, um outro sentido que a de Descartes.³ A sabedoria do romance é diferente daquela da filosofia” (KUNDERA, 2009, p. 147).

Ao tecer suas considerações acerca dessa forma de refletir específica do romance, o tcheco comenta a obra de Musil, que afirma ser uma relação distanciada para com a filosofia:

Os contemporâneos de Robert Musil admiravam muito mais sua inteligência do que seus livros; segundo eles, deveria ter escrito ensaios e não romances. Para refutar essa opinião, basta uma prova negativa: ler os ensaios de Musil: como são pesados, enfadonhos e sem encanto! Pois *Musil é um grande pensador somente em seus romances*. Seu pensamento precisa se alimentar de situações

2 François Rabelais (1494-1553), escritor francês autor de *Gargântua e Pantagruel*, publicado entre 1532 e 1552.

3 René Descartes (1596-1650), filósofo, físico e matemático francês.

concretas de personagens concretos; resumindo, é um pensamento romanesco e não filosófico (KUNDERA, 1994, p. 216, grifo nosso).

Simone de Beauvoir apresenta uma aproximação com essa maneira de pensar de Kundera ao refletir sobre as relações entre filosofia e literatura, e a não redução das reflexões desta à primeira:

O romance só se justifica se é um modo de comunicação irreduzível a qualquer outro. Enquanto o filósofo, o ensaísta, comunicam ao leitor uma reconstrução intelectual da sua experiência, é essa própria experiência, tal como se apresenta antes de qualquer elucidação, que o romancista pretende reconstituir num plano imaginário (BEAUVOIR, 1965, p. 81).

A filósofa francesa afirma que, enquanto aqueles que teorizam enfatizam a sistematização de significações em um plano abstrato, o romancista expressa essas significações em suas manifestações concretas e singulares. Beauvoir utiliza-se de Marcel Proust (1871-1922) em um exemplo que dialoga bastante com as palavras anteriores de Kundera, a respeito do contraste do pensamento de Musil representado em seus romances e em seus ensaios:

[...] enquanto discípulo de Ribot,⁴ Proust aborrece, não nos ensina nada; mas Proust, romancista autêntico, descobre verdades para as quais nenhum teórico do seu tempo propôs o equivalente abstracto (BEAUVOIR, 1965, p. 87).

Autores como Musil e Broch não se intimidaram perante a postura dos padrões literários clássicos, que enxergavam nas reflexões do autor expostas na obra um sinal de fraqueza estética, já que seriam elementos estranhos ao romance, mais aproximados das reflexões filosóficas (BARROSO; BARROSO, 2015, p. 29). Julgamento que, como visto, constitui um erro para Kundera, não só pelo caráter não filosófico das reflexões empreendidas por tais romancistas, mas também pela maneira estética com que tais reflexões são expressas em suas obras. Tem-se como exemplo, mais uma vez, o romance *Os sonâmbulos*, de Hermann Broch, no qual o ensaio *A degradação dos valores* ocupa dez capítulos. Kundera destaca que o ensaio não se apresenta de forma destoante dentro da obra, pelo contrário, é sob as ideias de tal ensaio que se entrelaçam os destinos dos protagonistas do romance. Para pensar acerca das condições que

4 Théodule-Armand Ribot (1839-1916), psicólogo francês.

encarava como *possibilidades de existência* para seus personagens, o romancista austríaco não teria como se furtar de inserir tais reflexões em sua narrativa, o que torna o texto ensaístico indissociável da tessitura do romance. Tal composição é, para Kundera (2006, p. 68), “uma das inovações mais audaciosas que um romancista ousou fazer na época da arte moderna”. E se tal inovação consistiria em desafiar as regras estéticas preconcebidas acerca do fazer romanesco, Kundera também pontua que “na arte do romance, as descobertas e a transformação da forma são inseparáveis” (2006, p. 19).

Os pesquisadores Barroso e Barroso (2015, p. 30) compreendem que em Kundera a rejeição ao pensamento filosófico se afirma pelo fato de o autor não acreditar que o romance tome de empréstimo formulações e reflexões construídas a partir da filosofia, ou seja, não se inspira nela, mas tem a capacidade de constituir o seu próprio saber, resultado da lógica mesma do desenvolvimento do fazer romanesco. Importante destacar que, embora Kundera demonstre certa negação da relação entre literatura e filosofia, Barroso e Barroso chamam a atenção para o fato de que não é possível se furtar da percepção de que há em sua obra uma dedicação à reflexão filosófica.

Mesmo que em seus estudos teóricos Kundera faça questão de evidenciar o distanciamento de sua prática literária das análises filosóficas, é evidente que sua escrita demonstra claramente uma imersão ao universo da reflexão filosófica. Mesmo diante de sua negação, a leitura de seus textos nos revela um constante diálogo entre a Literatura e a Filosofia, a novidade talvez resida no fato de que *esse diálogo de modo algum expressa a filiação a qualquer corrente de pensamento filosófico*. Até por que para esse escritor o romance, dentro de sua própria tradição, se antecipou a várias correntes filosóficas (BARROSO; BARROSO, 2015, p. 30, grifo nosso).

Essa categoria de romance, que propõe a reflexão relativa a um mundo multifacetado, que compreende o caráter plural da noção de verdade, reinventando a si mesmo à medida que descobre novas possibilidades de existência no mundo é o tipo de romance que interessa a Kundera. Tais obras, para ele, pela sua característica fundamental de tentar lidar com essa multiplicidade temática, carregam também a multiplicidade da forma, pois ambos (forma e temática) não caminham separadamente.

“O romance que pensa” desafia os limites do gênero e permite que um mesmo fato, uma mesma situação, uma mesma palavra ou o modo de ser de uma

personagem, sejam pensados sob vários ângulos. É assim que tais romances se alimentam de uma história dentro de outra história, de fatos ficcionais e não ficcionais, de personagens reais e imaginários (BARROSO; BARROSO, 2015, p. 32).

Se tal ponto de vista a respeito da composição romanesca – o de uma narrativa que pretenda abarcar a multiplicidade de possibilidades na compreensão da existência – é o que encanta Kundera nos autores que marcaram sua trajetória enquanto romancista, é de se inferir que tais atitudes estéticas manifestem-se também em sua própria composição artística. De fato, o autor tcheco fundamenta sua arte do romance em uma busca da compreensão do que é a existência humana, a partir de sua complexidade. Ou, como nos dirá Eva Le Grand (1999, p. 46) que, destacando o caráter ontológico da composição de Kundera, afirma que para ele o romance se manifesta como: “[...] uma forma de questionamento ontológico que revela abruptamente a essência da existência humana em toda sua ambiguidade”. E mais adiante diz que sua obra: “[...] nunca afirma, mas questiona indefinidamente as incertezas e a relatividade absoluta das coisas” (LE GRAND, 1999, p. 47, tradução nossa).

A multiplicidade expressa pela diversidade de vozes dentro destas obras anuncia a variedade de pontos de vista acerca do mundo, visões particulares expressas a partir de cada sujeito dentro do romance, cada “ego experimental”. São então reveladas as muitas possibilidades de vida, reforçando a ideia de que essa é plural e deve ser assim encarada. A partir de tal ponto de vista, comentam Barroso e Barroso:

Para ser pensada pluralmente, a vida não pode estar circunscrita num sistema de ideias preconcebidas nem dentro de modelos ou de fórmulas científicas como é o desejo da filosofia e das ciências modernas (2015, p. 33).

Da mesma forma, os romances de Kundera não se pretendem sistematizados, bem como as reflexões que os compõem. Como Le Grand (1999, p. 35) adverte, nas obras kunderianas o leitor é lançado dentro de um jogo “diabólico” em que o narrador constantemente o adverte a não tomar nenhum discurso, personagem ou evento como a verdade do romance.

A capacidade ímpar de lidar com saberes múltiplos, e criar uma tessitura que os entrelaça na produção narrativa, é que configura o romance como uma zona privilegiada de reflexão. Não à toa Le Grand (1999, p. 50), a partir da leitura de Kundera, assinala que os romancistas capturam o drama de nossa existência em melhor forma do que o filósofo, o historiador ou o

sociólogo poderiam, além de demonstrar, ao mesmo tempo, a austeridade e a comicidade da vida.

Uma das dificuldades iminentes ao se lidar com essa sabedoria romanesca – a saber, a multiplicidade – encontra seu reflexo no ajuizamento de Broch, para quem a única moral em que o romance deve se pautar é a da necessidade da descoberta. A moral do romance é interna, intrínseca em si mesma. A partir disso Kundera afirma ser o romance um território onde o julgamento moral deve ser suspenso (KUNDERA, 1994, p. 5). Tal “suspensão” não configura imoralidade. Imoralidade no romance seria a repetição das verdades pré-concebidas, ou seja, a utilização romanesca para a afirmação de dogmas religiosos, políticos etc.

Suspender o julgamento moral não é a imoralidade do romance, é a sua *moral*. A moral que se opõe à irremovível prática humana de julgar imediatamente, sem parar, a todos, de julgar antecipadamente e sem compreender. Esta feroz disponibilidade para julgar é, do ponto de vista da sabedoria do romance, a asneira mais detestável, o mal mais pernicioso (KUNDERA, 1994, p. 7).

Tijana Miletic (2008), em *European literary immigration into the french language* argumenta que o que Kundera chama de suspensão do julgamento moral dentro do romance é a expressão do grande valor europeu da liberdade, manifestado em forma estética (MILETIC, 2008, p. 163). Baseada em leituras de Kundera, ressalta a pesquisadora:

O método não dogmático do romance geralmente não é levado a sério, enquanto que o seu dom de liberdade e, conseqüentemente, a imparcialidade de sua sabedoria iniciática mereceriam uma consideração mais séria (MILETIC, 2008, p. 164).

Para Kundera, a compreensão de que a moral da arte não é extrínseca a ela, mas deve ser encarada somente a partir da própria obra, dentro dela, faz parte do jogo artístico estabelecido entre a tríade autor-obra-leitor.

O PENSAMENTO NÃO SISTEMÁTICO E A “SABEDORIA DA INCERTEZA” NO ROMANCE

Kundera fala de uma aproximação para com a forma de pensamento de Friedrich Nietzsche (1844-1900). Segundo o tcheco, a maneira de filosofar do

alemão é *experimental*, e ressalta que o próprio Nietzsche traz o caráter do experimentalismo quando demarca as características do “filósofo do futuro” (KUNDERA, 1994, p. 158).

Kundera assinala que o objetivo da atitude reflexiva do filósofo do futuro estaria em “corroer o que está imobilizado, minar os sistemas comumente aceitos, abrir brechas para o desconhecido” (KUNDERA, *ibidem*). Tal formulação pode ser encontrada no aforismo 370 de *A gaia ciência* (2000) do filósofo alemão. Diz Nietzsche: “A necessidade de destruição, de mudança, de devir, pode ser a expressão de uma força superabundante, de uma força prenhe de futuro (a que chamo, como se sabe, ‘dionisíaca’)” (NIETZSCHE, 2000, p. 179).

Para Kundera, a rejeição ao pensamento sistemático, inspirada em Nietzsche, proporciona à literatura uma *ampliação temática* (KUNDERA, 1994, p. 159). Isso no sentido de que, ao intentar abdicar de uma sistematização do pensamento que crie compartimentos para as diferentes disciplinas, fortalece-se a possibilidade de enxergar o mundo em sua totalidade. Quando Nietzsche pratica tal forma de filosofar “toda coisa humana pode se tornar objeto do pensamento” (KUNDERA, 1994, p. 159).⁵ E é essa uma proposta filosófica que se aproxima do romance:

Pela primeira vez, a filosofia faz reflexões não sobre a epistemologia, sobre a estética, sobre a ética, sobre a fenomenologia do espírito, sobre a crítica da razão, etc., mas sobre *tudo o que é humano* (KUNDERA, 1994, p. 159).

Destarte, se para Kundera o que aproxima a filosofia nietzschiana da arte do romance é a abertura para “tudo o que é humano”, descortina-se para nós que o saber buscado no romance, aquele que é só seu, tem como base a reflexão acerca de todas as facetas do humano.

Para Simone de Beauvoir um romance, em sua capacidade de fazer com que o leitor se poste diante de situações complexas e inquietantes da vida e reaja a elas, o coloca em uma situação de engrandecimento do próprio conhecimento, um enriquecimento que “nenhum ensino doutrinal poderia substituir” (BEAUVOIR, 1965, p. 81).

5 Kundera afirma que por mais que se tencione sistematizar o pensamento de Nietzsche – o que acontece principalmente pelas mãos de historiadores e professores – ainda há nele lugar para reflexões as mais díspares, como, por exemplo, sobre “as mulheres, sobre os alemães, sobre a Europa, sobre Bizet, sobre Goethe, sobre o *kitsch* hugoliano, sobre Aristófanes, sobre a leveza de estilo, sobre o tédio, sobre o jogo, sobre as traduções, sobre o espírito de obediência, sobre a posse do outro e sobre todas as situações psicológicas dessa posse” etc. (KUNDERA, 1994, p. 160).

O reconhecimento da fecundidade do romance na produção de saberes é marcadamente um dos pontos de partida acolhidos pelas estratégias de pesquisa da Epistemologia do romance,⁶ que propõe uma abordagem das obras romanescas a partir da pergunta formulada por Immanuel Kant em *Crítica da razão pura* (2015, p. 584) “O que eu posso saber?”.

Deste modo, ao pensar a narrativa literária enquanto um espaço de reflexões e possibilidades cognitivas e de onde é possível extrair a pergunta kantiana “o que eu posso saber?”, considerando nela tanto o caráter imaginativo, reverenciado pela fenomenologia, quanto o ontológico recomendado pela hermenêutica gadameriana, ao pesquisador cabe ir à busca daquilo que poderia, ou poderiam ser os fundamentos epistemológicos contidos nas estruturas textuais (BARROSO; BARROSO, 2015, p. 22).

Ainda a respeito da “sabedoria da incerteza” romanesca: a situação de dificuldade para se posicionar perante interpretações e representações tão diversas do mundo pode ser compreendida como o ponto que marca, para Edmund Husserl, o início da busca pela “verdade” para a humanidade ocidental. Quando a paixão pelo conhecimento se apodera no homem na Grécia, transformando-o em alguém que tem uma atitude contemplativa perante o mundo, ele começa a entender a diversidade dentro de sua cultura e das culturas alheias. Ele percebe então que cada povo tem sua própria maneira de representar o mundo, o que o faz compreender que existe uma evidente diferença entre o mundo real e as diversas representações da realidade.

Talvez o homem nunca tenha conseguido superar a complexidade que a realidade faz desfilar perante seus olhos. Se houve a tentativa da unificação da verdade por meio dos dogmas eclesiásticos, provindos de deus no medievo, ou as tentativas universalizantes das ciências objetivas na modernidade, o fato é que tais concepções não mais se sustentam. Há de se pensar, então, em maneiras de lidar com a pluralidade que se apresenta.

Nesse ponto acreditamos que as maneiras de lidar com a compreensão da modernidade, para Edmund Husserl e Milan Kundera, mostram-se divergentes. Para o filósofo, a superação da crise que ele identificara poderia ser encontrada por meio de um reposicionamento da razão; “o humano da humanidade superior ou a razão exige, pois, uma filosofia autêntica” (HUSSERL, 2008, p. 77).

6 Verificar nota 1.

Tal reposicionamento exigiria uma reavaliação metodológica do procedimento científico, realizada por meio da fenomenologia.

Já Kundera, na medida em que se declara romancista, e rejeita para si a postura de filósofo (2009, p. 12), apresenta-se como detentor de uma profunda desconfiança para com uma noção de verdade, posicionando-se ao lado do saber romanesco, que não pode querer assumir para si o papel de narrar certezas. Há de se pontuar que a divergência maior de Kundera para com Husserl é que, para o romancista, o filósofo declinou de considerar o romance quando traça a trajetória da racionalidade europeia (KUNDERA, 2009, p. 12).

Como uma das pedras angulares da fundação da modernidade, o romance europeu carrega em sua essência uma consciência da complexidade da existência; é ele um:

[...] espaço imaginário em que ninguém é dono da verdade e em que cada um tem o direito de ser compreendido. Esse espaço imaginário nasceu com a Europa moderna, ele é a imagem da Europa (KUNDERA, 2009, p. 151).

Segundo o autor, a ontologia mesma do romance não o permite lidar com uma concepção única de verdade:

[...] o romance é outro planeta; outro universo fundado sobre outra ontologia; um *infernium* em que a verdade única não tem poder, e a ambiguidade satânica transforma todas as certezas em enigmas (KUNDERA, 1994, p. 24).

Ao afirmar que a arte romanesca segue uma raiz ontológica da incerteza, Kundera também delimita fortemente a concepção de que aquela forma de conhecimento produzida pelo romance não é “derivada” de correntes teóricas ou filosóficas, sendo capaz, aliás, de se adiantar a elas.

O romance conhece o inconsciente antes de Freud, a luta de classes antes de Marx, ele pratica a fenomenologia (a busca da essência das situações humanas) antes dos fenomenólogos. Que soberbas descrições “fenomenológicas” em Proust que não conheceu nenhum fenomenólogo! (KUNDERA, 2009, p. 37).

Para tratar da forma de pensar dentro do romance, a prática da reflexão no íntimo das narrativas, retomamos ao que Kundera chama de pensamento “assistemático” ou “experimental”⁷ (KUNDERA, 1994, p. 158). O autor utiliza

7 Inspirado em Nietzsche, como assinalado anteriormente.

essa forma de classificação para sublinhar sua convicção de que o romance não deve se subordinar à filosofia, bem como para deixar clara sua rejeição pessoal ao chamado “romance filosófico”. É assim que ele chega à fórmula: “O pensamento autenticamente romanesco (como o romance conhece desde Rabelais) é sempre assistemático” (KUNDERA, 1994, p. 158). Pela percepção do autor tcheco, não cabe ao romance transformar em narrativas convicções morais e políticas, por exemplo, ao mesmo tempo que também não é sua função tentar persuadir o leitor de qualquer visão de mundo:

O pensamento experimental não deseja persuadir mas inspirar; inspirar um outro pensamento, pôr em movimento o pensar; é por isso que um romancista deve sistematicamente dessistematizar seu pensamento, dar um pontapé na barricada que ele mesmo ergueu em torno de suas ideias (KUNDERA, 1994, p. 159).

O instrumento que exerce papel fundamental para a criação de um pensamento sem sistema dentro do romance, de uma reflexão “indisciplinada”, é o personagem. Ao nos reportarmos à ideia de personagens como “laboratórios do ser”, podemos compreender como eles são criados com o intuito de explorar as mais diversas condições de percepção e reflexão acerca do mundo. Assim, a maneira do romance exprimir sua intenção reflexiva deve ser a partir de um pensar que:

É experimental; força brechas em todos os sistemas de ideias que nos cercam; examina (*notadamente por intermédio dos personagens*) todos os caminhos de reflexão, tentando ir até o extremo de cada um deles. (KUNDERA, 1994, p. 158, grifo nosso).

Na medida em que encontramos em Kundera reflexões acerca desta categoria de romance que carrega em si um fundamento reflexivo calcado nas investigações a respeito do mundo, da vida e do ser enquanto possibilidades de existência, fica perceptível que não há dúvidas para o escritor de que o romance seja um lugar privilegiado para a construção de saberes.

The wisdom of uncertainty as the spirit of romance in Milan Kundera

Abstract

To the Czech novelist Milan Kundera there are things that only the novel can say. This means that the novel can achieve reflections about the human condition inaccessible to other fields of knowledge, as to the sciences. In this sense, the writer establishes as one of the foundations of the Romanesque art the notion of a wisdom of uncertainty, which we will briefly discuss in this article, with the support of the Epistemology of romance.

Keywords

Milan Kundera. Art of the novel. Epistemology of romance.

REFERÊNCIAS

ALVES, P. M. S. Introdução. In: HUSSERL, E. *A crise da humanidade européia e a filosofia*. Covilhã: LusoSofia, 2006.

BARROSO, M. V. *Milan Kundera: uma literatura dos paradoxos terminais da modernidade*. 2011. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0845-1.pdf>> Acesso em: 10 set. 2017.

BARROSO, M. V. *A obra romanesca de Milan Kundera: um projeto estético conduzido pela ação de Don Juan*. 2013. Tese (Doutorado em literatura)–Universidade de Brasília. Brasília, 2013. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B3rYBdIpwpzbZFPxLXFDQ01xNnM/edit>>. Acesso em: 10 set. 2017.

BARROSO, W. Elementos para uma epistemologia do romance. In: COLÓQUIO: FILOSOFIA E LITERATURA, 6., 2003, São Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: Usininos, 2003.

BARROSO, W. A voz filosófica do narrador kunderiano. CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC: TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS, 11., 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo, USP, 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/049/WILTON_FILHO.pdf>. Acesso em: 10 set. 2017.

BARROSO, W.; BARROSO, M. V. *Epistemologia do Romance: uma proposta metodológica possível para a análise do romance literário*. 2015. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B3rYBdIpwpzbeHV6cFpHWkF5Yms/view>> Acesso em: set. 2017.

- BARROSO, W.; BARROSO, M. V. O idílio como espaço de intersecção entre literatura e filosofia na obra de Milan Kundera. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 18 n. 31, 2017. Disponível em: <<http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/413/410>> Acesso em: 10 set. 2017.
- BEAUVOIR, S. de. *O existencialismo e a sabedoria das nações*. Lisboa: Minotauro, 1965.
- HUSSERL, E. *The crisis of european sciences and transcendental phenomenology*. 5. ed. Northwestern University Press, 1970.
- HUSSERL, E. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. 3. ed. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2008.
- KUNDERA, M. *A imortalidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. (Versão E-book).
- KUNDERA, M. *Os testamentos traídos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- KUNDERA, M. *A cortina: ensaio em sete partes*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- KUNDERA, M. *A arte do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LE GRAND, E. *Kundera or the memory of desire*. Canadá: Wilfrid Laurier University Press, 1999.
- LIMA, L. C. *O controle do imaginário & A afirmação do romance*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MILETIC, T. *European literary immigration into the french language*. Nova Iorque: Faux Titre, 2008.
- NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. 6. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.
- RICARD, F. *Agnes's final afternoon*. Nova Iorque: Harper Perennial, 2003.
- ZILLES, U. A fenomenologia Husserliana como método radical. In: HUSSERL, E. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Intro. e trad. Hurbano Zilles. 3. ed. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2008.